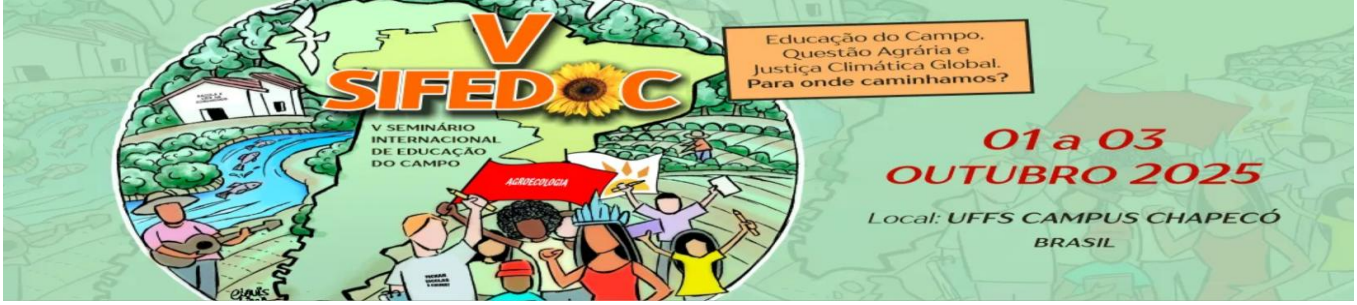


A PRESENÇA DA MÍSTICA NAS RAÍZES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: COMPROMISSO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS CAMPONESES

Gabriel Barcellos Nunes[1]
Vania Grim Thies[2]

Círculo de Saber: 3- Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo:
Este texto tem por objetivo relacionar as místicas utilizadas pelo MST e outros movimentos campesinos com as atividades da Educação do Campo. A presença das místicas sintoniza este movimento com as bases da Reforma Agrária Popular. A partir de Boff (1998), Bogo (1998), Buffon et al (2016), Peloso (1998) e Stedile (2012) conceituamos as místicas e a importância da cultura no acompanhamento das atividades relacionadas às lutas pela terra, assim como apresentamos o movimento Por uma Educação do Campo, através das considerações de Arroyo (2007), Caldart (2008), Frigotto (2012) e Molina (2010) e concluímos com a defesa de que as místicas devem estar presentes nas escolas do campo e nas atividades em espaços não formais, reforçando que os camponeses e as camponesas são os protagonistas desta proposta. As místicas garantem que a origem da Educação do Campo nos movimentos sociais camponeses seja reforçada colaborando para que esta proposta não seja apropriada indevidamente.

Palavras-chave: Educação do Campo; Reforma Agrária Popular; Mística

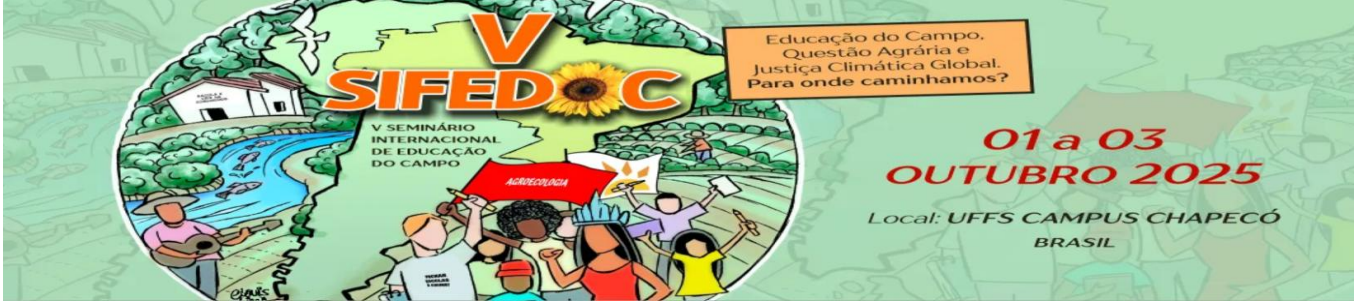
Introdução

Meu canto é de liberdade
Só canta a identidade camponesa
Quem souber amar esse campo
Só canta a educação do campo
Quem souber trabalhar o campo como espaço de vida
(Apiaim, 2015).

Ser poeta é amar a terra e a vida
Porque somente quem ama é capaz
De lutar por ela até suas últimas forças
(Bilha, 2015).

As atividades nos movimentos sociais vinculados à luta camponesa, de forma especial o Movimento Sem Terra (MST) estudado neste trabalho, normalmente são

[1] Doutorando em Educação. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: gabrieljornal@gmail.com.
[2]Doutora em Educação. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: vaniagrim@gmail.com. Orientadora.

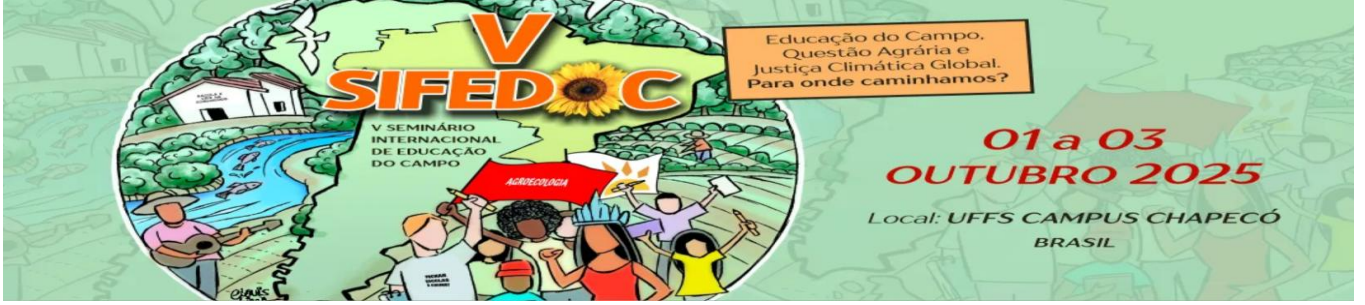


iniciadas por uma encenação, uma música, uma poesia ou um hino, além de acontecerem em um espaço ornamentado com elementos da terra e da luta, criando um ambiente propício ao debate e a discussão dos assuntos que virão logo em seguida. Esta é a mística, que promove a reflexão e o pensar abordando as lutas, os sonhos, as produções e fazendo homenagem aos que tombaram no trajeto, além de criar uma atmosfera que possibilita o encontro, a reunião ou o seminário de uma forma mais ampla e humana.

A mística, que, neste caso, não necessariamente é associada ao misticismo ou a religiosidade, apesar de sua origem, tem profícua relação com o universo camponês, pois os agricultores utilizam de aparatos atribuídos à sua sabedoria e, normalmente, tem momentos ligados à religiosidade, às crenças, a observação das fases da lua, as benzeduras, a guarda das sementes, a presença de elementos simbólicos nas lavouras, nos paióis e nos galpões. A mística acompanha cada passo no plantio, no cuidado e na colheita, iluminando as caminhadas e se associando aos saberes que representam também formas de reforçar sua existência, muitas vezes sob ameaça.

Em boa parte das ocasiões, as místicas também são uma demonstração das manifestações artísticas dos próprios camponeses e companheiros dos movimentos, trazendo a cultura popular, muitas vezes negligenciada, para “dentro” das atividades práticas, que incluem reuniões, mobilizações, avaliações do percurso e até mesmo o trabalho coletivo. Conforme Buffon et al (2016) os trabalhadores são grandes produtores da cultura popular, mesmo que tenham tido pouco acesso às linguagens artísticas que compõem a diversidade de expressões da cultura brasileira, ao tempo em que “rompe as cercas que privam a classe trabalhadora do direito à expressão literária” (Buffon et al, 2016, p. 13) e são capazes de demonstrar suas manifestações artísticas como linguagem própria e típica da cultura nacional.

Buffon et al (2016) propõem, também, que os camponeses devem ser os protagonistas no registro histórico e literário da luta por terra e dignidade, enquanto Bogo (2016, p. 19) sugere que a poesia dos camponeses “tem cor, tem cheiro e tem sabor” em “um belo tecido de palavras postas (...) como as linhas de quem lavra a terra com ternura e rompe a timidez do camponês”:



> E o cheiro vira verso e a terra vira rima, tudo para colocar acima do mais alto nível a consciência. A dor vira paciência e a liberdade é revisitada. A identidade do cabo da enxada, como uma voz sem prece, aparece e verte os seus encantos. A cuia, a caminhada, o canto, tudo emaranhado pelo chão. É o sonho, é a fome, é a panela e a exclusão que assobiam e anunciam o dia em que a utopia há de tornar-se uma canção (Bogo, 2016, p. 19).

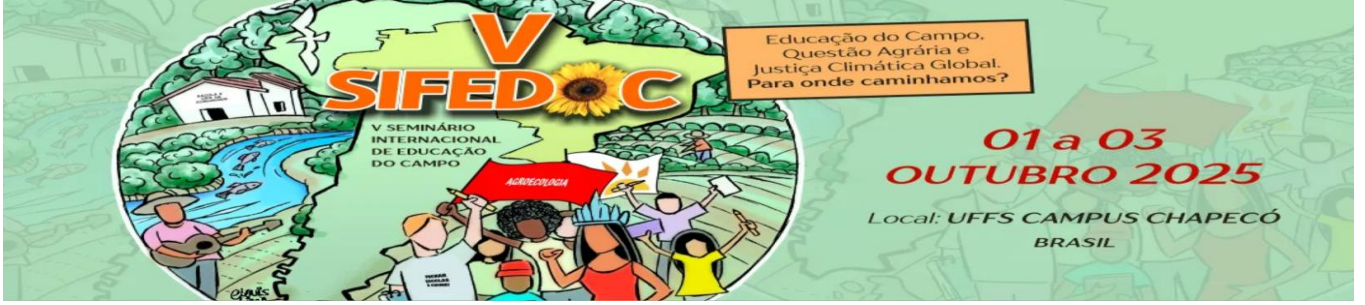
O campo ganha vida nas escritas e cantorias, demonstrado nas poesias e nas músicas feitas pelos lavradores da terra e das letras e as místicas, por sua vez, podem dar esta voz a quem trabalha e luta pela terra. O peso do arado equivale ao da caneta em um mundo distanciado entre opressores e oprimidos (Freire, 1987), mas a arte pode emergir de qualquer planta, pássaro, lavoura e também nas relações que os sujeitos do campo tem consigo mesmo, com outros e com a natureza. A palavra, deveras negada aos camponeses, pode encontrar neste momento a oportunidade de tomar forma e, dizer das suas lutas, das suas dores, das suas reflexões, das suas produções, dos seus sonhos e dos seus amores.

Metodologia

[...]
Mas, apesar de tudo isso
O latifúndio é feito um inço
Que precisa acabar
Romper as cercas da ignorância
Que produz a intolerância
Terra é de quem plantar
A Terra, Terra
(Munhoz, 2023).

Neste texto utilizamos a pesquisa bibliográfica, situações vivenciais e observações das pesquisas que viemos realizando vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), às quais abordam práticas pedagógicas e projetos relacionados à Educação do Campo. Nosso objetivo no presente trabalho é propor uma reflexão sobre o papel das místicas utilizadas pelos movimentos sociais camponeses, com destaque para o Movimento Sem Terra (MST), nas atividades ligadas ao movimento “Por uma Educação do Campo”, como importante para garantir sua origem e o protagonismo do campesinato.

Este trabalho, particularmente, parte de um recorte do projeto de tese de Doutorado, ainda em construção, intitulado “Os estudantes da Educação do Campo,

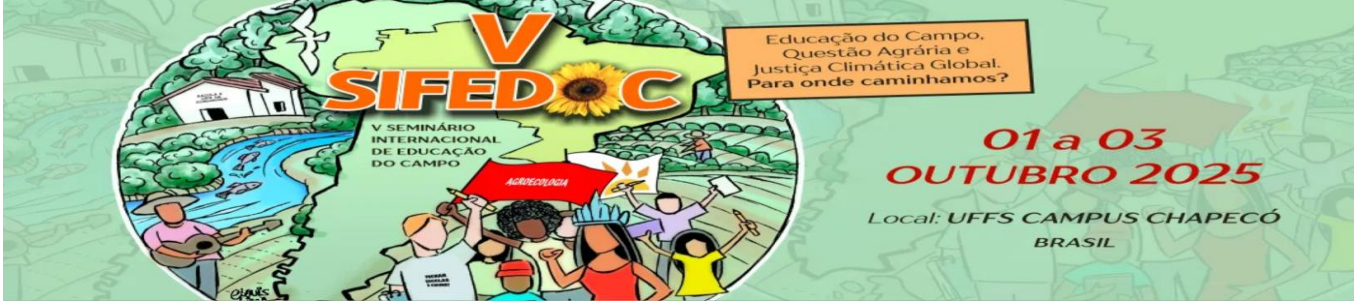


as sementes crioulas e as lutas pela terra: conscientização, existência e resistência em território do campesinato no município de Piratini (RS)", na qual também defendemos a escrita como uma forma de mística ao trazer para o texto acadêmico os camponeses e as camponesas de um território de vidas e de lutas pela terra, ocupado essencialmente por assentados da Reforma Agrária, quilombolas e agricultores e pecuaristas familiares. Os estudantes são parte do corpo discente da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, instituição situada no 5º distrito do município de Piratini e que reúne cerca de 100 alunos do público deste território e que, com 12 anos de existência e mantendo relação com o MST, tem buscado um alinhamento aos princípios da Educação do Campo.

Neste trabalho que utiliza pressupostos da pesquisa participante e método inspirado nos círculos de cultura propostos por Paulo Freire, estamos investigando a possibilidade de conscientização camponesa por estudantes do Ensino Médio a partir da identificação dos processos de existência, possibilitados pela presença das sementes crioulas e de resistência, com as histórias de seus povos com relação à luta pela terra. As sementes, as lutas e a conscientização, inspirado também na proposta freireana, fazem parte das místicas que se relacionam à vivência dos movimentos sociais camponeses e também integram a pesquisa, com presença no método reconstruído pelos pesquisadores.

Também nesta proposta utilizamos elementos identificados durante a construção da dissertação de Mestrado "A Educação do Campo e a leitura literária em um território camponês de lutas e desafios: uma experiência escolar em Piratini/RS" (Nunes, 2023), na qual analisamos a experiência do leitor do campo no encontro com o livro literário e a importância da escola neste processo, problematizando o direito à literatura em um território camponês marcado pelas lutas agrárias. O trabalho apresentou a discussão e relacionou a Educação do Campo e a leitura literária, a partir da observação de um projeto que também acontece na Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto.

As místicas do MST e a origem da Educação do Campo



Tanto broto renascendo
Debaixo das lonas pretas
Nos cursos de formação
Ou seja, no assentamento quando se canta uma canção
Ou num instante de silêncio
Oziel está presente
Porque a gente sente
Pulsar o seu coração
(Zé Pinto, 2002)

O Movimento Sem Terra (MST) é uma organização ligada à Via Campesina e representa cerca de 450 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e organização dos trabalhadores rurais, sendo um “movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil” (Site do MST, 2025). Origina-se nas organizações camponesas e em uma contribuição importante da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que acompanhou as primeiras mobilizações dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais, em nome da Igreja Católica (Gasparotto e Teló, 2021).

A atuação da luta inclui a ocupação dos latifúndios improdutivos, os acampamentos que são também espaços organizativos, assim como o assentamento que garante a democratização do uso da terra. O MST ainda tem lutado pela produção de alimentos saudáveis e por acesso a moradia, educação, saúde, cultura e “novas relações sociais entre os sujeitos do campo” (Gasparotto e Teló, 2021, p. 47).

O MST entende que a conquista da terra é o primeiro passo, sendo necessária a construção da vida e da dignidade. Os sem-terra são considerados por Regina (2025) como um coletivo construído historicamente por um processo social derivado do capitalismo, reunindo atualmente uma massa em torno de suas lutas, com a criação de uma identidade entre muitos expropriados da terra e do trabalho, abordando uma transformação destes sujeitos quando as lutas se ampliam para além da produção agropecuária e da divisão das terras: “o sem-terra de outrora transforma-se em Sem Terra - como uma classe e com um projeto de futuro- , ao constituir-se como sujeito coletivo que cria uma identidade entre si” (Regina, 2025, p. 2), exigindo o rompimento de muitas cercas:

Cerca farpada
Fazendo a divisa
Mantendo a terra intocada
(...)
Feita para prender bicho
Para cercar a plantação
Trata o homem feito lixo
Impedindo-o de ter o seu chão
(...)
A cerca não é culpada
Pois não tem consciência
Ela foi ali colocada
Como uma forma de violência.

Se a cerca falasse
Certamente iria gritar
Que dali alguém lhe tirasse
E deixasse o povo passar.
(Vanderlei Luiz Lombardi, in Buffon et al, 2016)

Isto explica a luta deste movimento social pela Reforma Agrária Popular em diversos setores, com destaque para a Educação, na qual o MST foi um dos idealizadores e precursores do movimento “Por uma Educação do Campo”, que apresenta alternativas a um sistema escolar urbano que pensa na cidade e nos cidadãos que ocupam este espaço como protótipos de direitos (Arroyo, 2007), e que tem lutado pela inclusão das Diretrizes Nacionais para a Educação do Campo (2002), princípios em que a escola deve refletir a vida, os interesses e as necessidades de desenvolvimento dos sujeitos e movimentos sociais relacionados à luta pela terra – sem-terra, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, indígenas, entre outros – e não meramente reproduzir os valores do desenvolvimento urbano e da lógica rural capitalista.

Os povos do campo, nesta proposta, são protagonistas em um projeto de sociedade, de política pública, de educação e de formação humana gestado do ponto de vista dos camponeses (Caldart, 2008), combinando luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito à educação, ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar e ao território. Este confronto entre projetos de sociedade exige que os trabalhadores do campo “não apenas dominem o conhecimento da ciência, mas não abandonem outras referências de produção de conhecimento construídas nas próprias práticas e lutas sociais” (Molina, 2010, p. 13).

Na proposta da Educação do Campo se traz para a escola ou outros espaços de aprendizagem, formais ou não, um diálogo entre os saberes e fazeres das comunidades com o conhecimento científico e universal, em “um processo educativo vinculado à luta por uma nova sociedade, articulando ciência, cultura, experiência e trabalho” (Frigotto, 2012, p. 279). Neste sentido, a forma como se organizam as atividades da Educação do Campo originam-se nas realizadas pelos movimentos sociais camponeses e utilizam símbolos e elementos do campo, como o girassol, sendo que, como místicas, estas construções fazem parte naturalmente das atividades do MST.

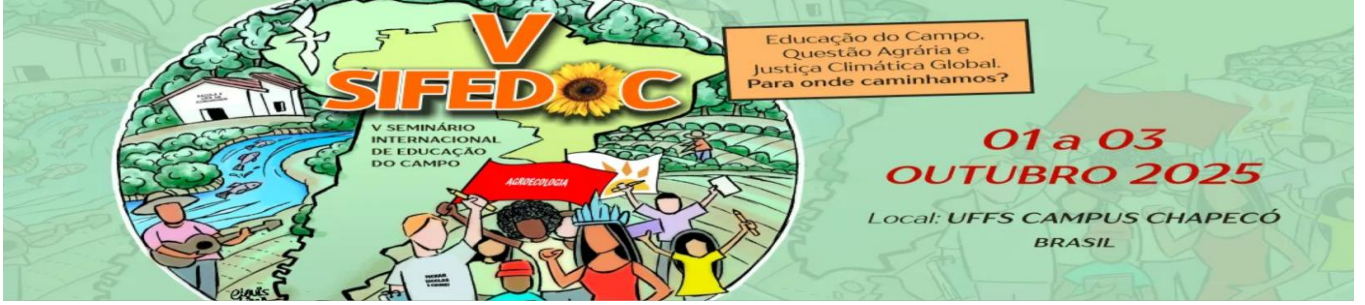
Ornamentação: parte da mística



Elementos da Educação do Campo, das lutas, da produção e do território integram o ambiente da mística de um evento realizado na EEEM Deputado Adão Pretto, de Piratini (RS) - 2023

João Pedro Stedile, liderança nacional do MST, por exemplo, defende a poesia, muito utilizada nas místicas, como a arte de revelar com palavras aquilo que é e deve vir a ser a realidade, ressaltando que no movimento a poesia é mais do que arte, mas uma forma de animar os passos na busca da terra, contando “as tragédias, daqueles que caem sobre a terra dos outros, como se não tivessem pátria, nem destino”, além de inspirar a resistência, alegrar as conquistas e indicar o horizonte: “A política sem poesia perde a consciência das mudanças que deve alcançar. Perdendo a consciência, perde os sentimentos. Sem sentimentos o homem vira pedra” (Stedile, in Bogo, 2002).

Na mesma seara, Stedile (2012) afirma que a Reforma Agrária Popular compreende um amplo programa de valorização das manifestações cultural do meio rural em geral, citando os hábitos alimentares, músicas, cantorias, poesias,



celebrações religiosas e festividades, o que encontra relação com os princípios defendidos pela Educação do Campo. As místicas surgem, então como uma necessidade de reafirmar a origem do movimento que sugere a escola, mas não somente, como espaço importante de sua atuação.

Semear os sonhos,
Regados de esperança,
Nos campos da vida,
O futuro, berço, criança.
(...)
Germinar os sentimentos,
Enraizados de igualdade,
Alimentando paz, harmonia,
Abraçada na dignidade.

A concretude vai crescendo
Com a força, coletividade.
Parto o fruto da justiça,
Dar luz à liberdade.

(Clairton Buffon – poetadaterra, in Buffon et al, 2016)

Historicamente, as místicas desenvolvem um papel importante na luta pela terra e se relacionam à origem do MST de aproximação com a Igreja Católica, momento em que Boff (1998) afirma que surgiram vinculadas a prática e a própria vida, com papel nas lutas de massa, nas comemorações e celebrações, nas alegrias, nas derrotas e nas vitórias. Para o MST, as místicas revigoram para novas e maiores lutas, unem, fortalecem e dão consciência ideológica para o trabalho.

Em defesa semelhante, Peloso (1998), sugere que a mística produz a garra necessária para combater as injustiças e a disposição para a construção de uma nova sociedade, relacionando-se à concretude da vida e devendo ser coerente com as ações, com uma organização e metodologia que inclui “a beleza do ambiente, o clima de confiança, a alegria, a música, a poesia, as artes, os símbolos, os gritos de guerra, tudo deve exprimir os valores e as certezas que animam nossa caminhada” (Peloso, 1998, p. 9), momentos dos quais as pessoas devem ser participantes e não apenas espectadores.

Afirmando que a mística é alimentada pela esperança e tem relação com os sentimentos, Bogo (1998) lembra que a Reforma Agrária é um dos caminhos escolhidos para a construção de uma nova sociedade, na qual as místicas são

ligadas à natureza e aos valores do movimento, com importância a escolha dos símbolos, que são reais, mas emanados também pela consciência: “ [...] o fato de cantarmos o hino com os punhos fechados não é um simples gesto, mas representa a desobediência à nossa ordem estabelecida; é a porte real, mas queremos estabelecer e edificar a nossa ordem, é a parte espiritual” (Bogo, 1998, p. 17).

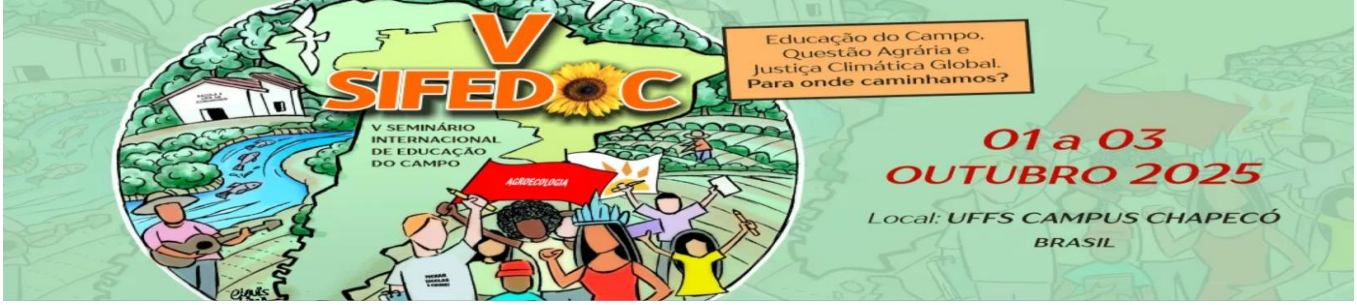
Mística na Escola do Campo



A montagem retrata diferentes momentos de místicas realizadas durante atividades da EEEM Deputado Adão Pretto, situada no município de Piratini (RS) - 2024

Ao aproveitar os fatos e acontecimentos do cotidiano, as místicas tem “a tarefa de humanizar as relações que acontecem nas atividades de organização” (Bogo, 1998, p. 18), diferenciando o real e a representação que cada pessoa faz, mas ligando a paixão, ao entusiasmo e às grandes emoções, além de mobilizar as pessoas na vontade de mudanças e inspirar a superação das dificuldades e sustentar a esperança (Boff, 1998).

Nas escolas do campo identificadas com a Educação do Campo, como é o caso da Escola Adão Pretto, que inclusive homenageia um dos fundadores do Movimento Sem Terra, as místicas, conforme demonstrado nas imagens, fazem parte das



atividades da escola, sobretudo nos eventos em que realiza, como o Encontro das Sementes Crioulas, que acontece anualmente e propicia a troca e distribuição de sementes, além de valorizar a sabedoria popular, a arte e a cultura dos camponeses. Os símbolos da Educação do Campo e da luta pela terra também ficam visíveis nos espaços do educandário, para que não se percam as raízes que deram vida à proposta. O poema que inicia o próximo capítulo, por exemplo, tem por tema o girassol, simbolo da Educação do Campo.

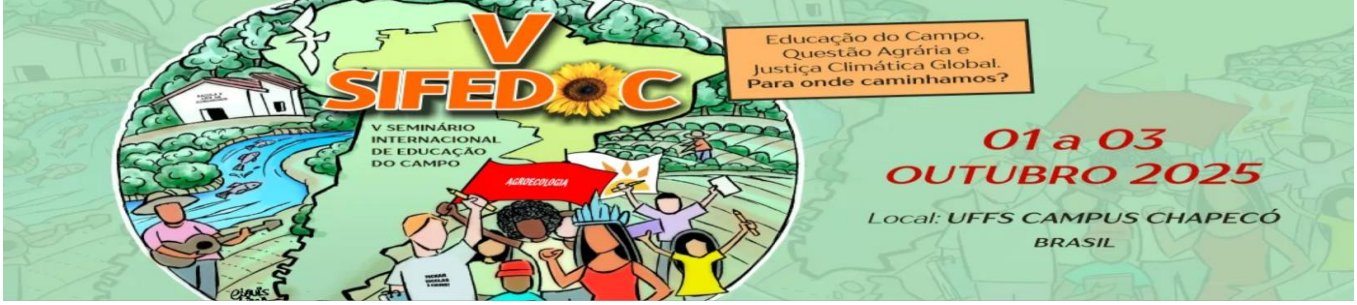
Conclusão

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.
(Mello, 2023)

A presença das místicas nas atividades da Educação do Campo ou nos diferentes momentos forjados pelas escolas que atuam nesta perspectiva é uma forma de manter viva a origem deste movimento e a sua ligação vital com as lutas pela terra no Brasil. Tem-se nas místicas um potencial olhar reflexivo e de reconhecimento às lutas do campesinato, que não podem perder-se de sua essência, sob a pena de, mais ainda, o termo Educação do Campo tornar-se de uso banal, tal como quando utilizava-se anteriormente o termo educação rural, adjetivo que foi substituído por estar intrinsicamente vinculado ao atraso.

Não é necessário que a Educação do Campo torne-se uma disputa de narrativas, mas considera-se que muitas atuações e programas públicos usam a nomenclatura sem o vínculo conceitual com o movimento que a originou, tampouco seus princípios. Diante disso, reforça-se a importância de mantermos vivas as místicas nas atividades correlacionadas a este movimento, sob pena de voltarmos a falar na escola rural como um ambiente apenas menos livresco e das lides agrícolas que inspirou o movimento do “Ruralismo Pedagógico”, pensado pelo capitalismo agrário a partir da década de 1930 (Souza-Chaloba e Moraes, 2022).

Por mais que se reconheça que tem havido uma ampliação significativa dos debates sobre a educação pensada pelos camponeses e pelas camponesas,



através de suas organizações e movimentos sociais, há de se ficar alerta para que seus princípios originais e sua essência não se percam e encontramos na manutenção das místicas que remontam a gênese dos movimentos camponeses e da vida nos territórios não urbanos um fator importante. A nossa luta precisa ser para que em cada escola do campo e em cada movimento no sentido da Educação do Campo tenhamos a poesia, os gritos de guerra, as cantorias fazendo o barulho necessário e que cada ambiente esteja frutificado de elementos do trabalho e da vida camponesa, dando o tom de quem realmente é o protagonista, no sentido do por quem e para quem, deste movimento.

Referências bibliográficas

APIAIM, A.; BILHA, E.. **Armas, Flores e Amores A luta que se faz poesia e a poesia que se faz luta.** Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

ARROYO, M. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. Campinas: UNICAMP, 2007.

BOFF, L. **Alimentar nossa Mística.** In Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: Setor de Formação do MST, 1998

BOGO, A.. **Como melhorar nossa mística**. In Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: Setor de Formação do MST, 1998

BOGO, A. (org.). **Gerações: coletânea de poesias.** São Paulo: MST, 2002.

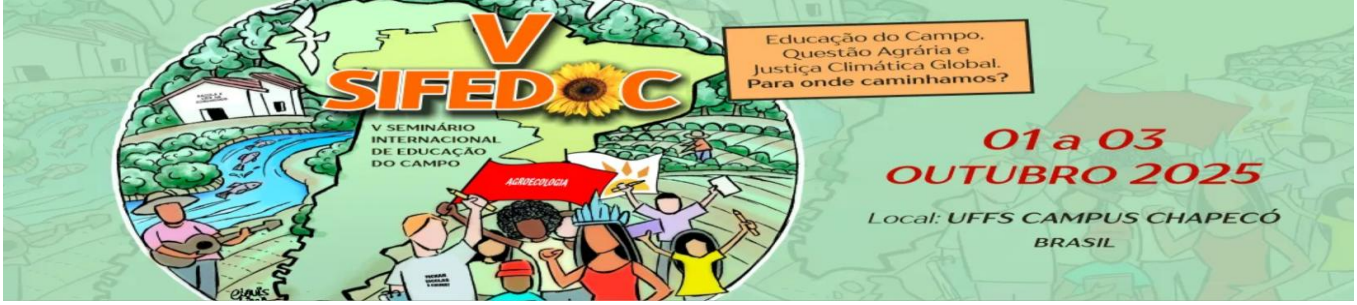
BOGO, A. **Cheiro de Versos.** In BUFFON, C. (org). **Terra e Arte:** Semeando poesias. Chapecó: UFFS, 2016.

BUFFON, C. (org). **Terra e Arte:** Semeando poesias. Chapecó: UFFS, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). **Parecer CNB/CEB nº 36/2001:** Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: CNE, 4 de dezembro de 2001.

CALDART, R. **Sobre educação do campo**. Brasília: Incra/MDA, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



FRIGOTTO, G. **Educação Politécnica.** In: CALDART, R. et al (org.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GASPAROTTO, A.; TELÓ, F. (org.). **História das lutas pela terra no Brasil:** 1960-1980**.** São Leopoldo: Oikos, 2021.

MELLO, Thiago de. O estatuto do homem. Disponível em http://www.vidaempoesia.com.br/thiagodemello.htm. Acesso em 22 de fevereiro de 2023.

MOLINA, M. **Educação do campo e pesquisa II**. Brasília: MDA/MEC, 2010.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Site do MST. Disponível em www.mst.org.br . Acesso em 10 de dezembro de 2024.

MUNHOZ, Pedro. **Canção da Terra.** Disponível em https://www.letras.mus.br/pedro-munhoz/1264649/. Acesso em 22 de fevereiro de 2023.

NUNES, G. **A Educação do Campo e a leitura literária em um território camponês de lutas e desafios:** uma experiência escolar em Piratini (RS). Orientadora: Vania Grim Thies, 2023, 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

PELOSO, R. **A força que anima os militantes.** In MÍSTICA: UMA NECESSIDADE NO TRABALHO POPULAR E ORGANIZATIVO. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: Setor de Formação do MST, 1998

PINTO, Zé. **Oziel está presente**. In BOGO, Ademar. Org. **Gerações: Coletânea de Poesias**. Caderno de Cultura Nº 1. MST, 2002.

REGINA, C. **Assentamentos do MST e identidade coletiva.** Disponível em https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/assentamentos-do-mst-e-identidade-coletiva.pdf. Acesso em 11 de maio de 2025.

SOUZA-CHALOBA, R.; MORAES, A. 200 anos de Educação Rural no Brasil: histórias de exclusão, abandono e discriminação. **Educação em Foco**, ano 25, n. 46, 2022. Disponível em https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/6627/4203. Acesso em 24 de maio de 2025.

STEDILE, J. P. **Reforma agrária**. In: CALDART, R. et al (org.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.